

ENSINO DE LEITURA: VENCENDO BARREIRAS

Francielly Coelho da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

franciellycdsp@gmail.com

Resumo:

A dificuldade de leitura é lamentação comum entre professores e alunos de todas as áreas e níveis. Além disso ou conseqüentemente a isso, muito se tem falado sobre a dificuldade dos alunos em entender algumas disciplinas. Especialmente, aquelas em que seja necessário uma leitura mais aprofundada. Muitas vezes, o baixo rendimento dos alunos nas diversas áreas têm a ver com a dificuldade que estes possuem na leitura. Pensando nisso, este artigo apresenta-se como um relato de uma experiência de língua materna, considerando o ensino de leitura, considerada significativa. Nele, são apresentados os resultados de intervenção realizada em uma turma de quinto ano de uma escola pública de rede de Natal. Mais especificamente, situada na zona oeste da cidade. Justifica-se por apresentar temática relevante e de interesse daqueles que desejam uma escola pública de qualidade, uma vez que, além de apresentar a experiência, também faz refletir sobre a prática da leitura e da escrita em contexto escolar e fomentar uma discussão acerca da alfabetização e do letramento, assim como da formação do leitor literário. Neste artigo e na base no próprio projeto de intervenção estão reflexões de Lajolo (2002), Duarte (2007), Mortatti (2007) e Zilberman (1993, 2007) especialmente. Ao longo do trabalho são apresentadas reflexões das autoras supracitadas acerca dos temas já mencionados; em seguida, são relatadas as atividades realizadas em sala de aula; por fim, é traçado um paralelo entre as teorias apresentadas e a prática da sala de aula. A partir deste trabalho, foi possível perceber e constatar um maior interesse dos alunos e uma melhoria em relação à leitura.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Leitura.

Introdução

O presente trabalho foi realizado durante os dois últimos meses do ano letivo, numa turma de quinto ano, de uma escola pública municipal de Natal.

Durante o primeiro semestre, acompanhando as dificuldades relatadas pela professora titular da turma, ao observar que a maior parte da turma a qual se faz referência neste trabalho, apresentava rendimento escolar um tanto fora do esperado: notas baixíssimas em todas as disciplinas, visto que a maior parte dos alunos apresentava enorme dificuldade na leitura e na escrita. Alguns não sabiam nem mesmo escrever o próprio nome. Aliado a isso, havia também os problemas de indisciplina e do não-acompanhamento dos pais ou responsáveis nas tarefas de casa.

Era comum os alunos apresentarem interesse quase nulo nas atividades que envolviam leitura e escrita. Algo precisava ser feito, pois a situação não poderia continuar daquela forma. Algumas tentativas foram realizadas, mas nada lhes despertava o interesse.

Foi nesse momento que, em conversa com a professora titular da turma, a professora de português dos sextos anos resolveu elaborar um projeto pedagógico de intervenção a ser executado por ela mesma, sob o aval da professora da turma de quinto, a fim de auxiliá-la na melhoria do rendimento dos alunos.

Textos que pudessem ser interessantes para refletir sobre os problemas apresentados naquela turma foram pesquisados e discutidos entre elas e a coordenação da escola. A professora titular da turma, apesar de apenas assistir à execução do projeto, estava a par de tudo o que seria realizado e poderia intervir, caso achasse necessário, também avaliando e contribuindo com seus



conhecimentos. É interessante observar que cada um, pedagogas, professora e coordenadora, e professora contribuiu com o conhecimento específico de sua área: alfabetização, letramento, formação do leitor, estratégias de leitura, sociointeracionismo entre outros foram temas pesquisados e discutidos por eles.

Terminada essa fase, a professora de português, elaborou as atividades a serem ministradas em sala de aula. Foram muitas as atividades de leitura, de interpretação e de escrita. Diversos foram os gêneros discursivos trabalhados: tirinhas, charges, letras de músicas, poemas, lendas, contos, adivinhações, parlendas, listas, quadrinhas populares, provérbios entre outros.

O projeto ocorreu durante as aulas de Língua Portuguesa. A cada aula era feita uma avaliação da aprendizagem dos alunos e uma reflexão por parte das professoras, a fim de saberem o que deu e o que não deu certo, para que a professora executora da ação, caso fosse necessário, pudesse refazer a prática.

O trabalho realizado foi todo focado em gêneros discursivos. Foi bastante prazeroso e eficaz. A partir desse trabalho, foi possível perceber e constatar uma melhoria no aprendizado e no comportamento dos alunos, assim como um maior interesse por parte deles não só pelas aulas como também pela prática da leitura.

2. Alfabetização, construtivismo, interacionismo e letramento

2.1. O ensino da leitura e da escrita no Brasil: da década de 1980 aos dias atuais

De acordo com Mortatti (2007), foi a partir da década de 1980 que o ensino da leitura e da escrita no Brasil passou a ser questionado oficialmente, visto que era nessa etapa da escolarização que fracassava a maior parte da população brasileira.

Nesse período, estavam sendo adotadas, nos meios acadêmicos, três novos modelos teóricos, os quais tentavam explicar os problemas da alfabetização brasileira: “construtivismo”, “interacionismo” e “letramento”.

A problemática do construtivismo é que ele foi tido pelos professores como novo método de ensino da leitura e da escrita ou ainda como uma nova didática da leitura e da escrita. Sendo que ele não é. Seguindo esse pensamento, podia-se ser considerado alfabetizado o indivíduo que construir por si só a base alfabética do português.

Em relação ao interacionismo, a base seria a relação que se estabelece com o outro. Nesse sentido, a relação entre professor e alunos é imprescindível, para que haja aprendizado. Desse modo, pode-se considerar alfabetizado o indivíduo que sabe ler e produzir textos, com finalidades que ultrapassem os muros da escola e que atendam às demandas sociais.

Já ensinar a ler e a escrever numa perspectiva de letramento seria ensinar a ler e a produzir textos orais e escritos, os quais permitam ao sujeito se inserir numa sociedade letrada.

Mortatti (2007, p. 166) defende que “não há aprendizagem da leitura e da escrita sem ensino, nem, portanto, sem professor competente para tal”. O professor é peça fundamental nesse processo e precisa, por isso, estar consciente e seguro do seu papel.

2.2. Alfabetização *versus* letramento?

De acordo com Soares (2004), a alfabetização é a consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema–grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita. Já o letramento é a imersão das crianças na cultura escrita, participação em



experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito.

E ainda afirma (p. 15):

É preciso reconhecer a possibilidade e a necessidade de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita, integrando alfabetização e letramento, sem perder, porém, a especificidade de cada um desses processos, o que implica reconhecer as muitas facetas de um e outro e, conseqüentemente, a diversidade de métodos e procedimentos para ensino de um e de outro.

Desse modo, pode-se concluir que alfabetização e letramento não são práticas, totalmente, contrárias e sim práticas que se complementam. São processos contínuos e que devem ocorrer simultaneamente.

O letramento é um processo que se inicia antes mesmo da criança começar a ler, visto que ela está inserida em cultura, a qual lhe proporciona o convívio com sinais escritos e domina a oralidade.

2.3. Promoção do letramento e construção da cidadania

Duarte (2007, p. 222) afirma: “No contexto brasileiro, a inclusão social e a conquista da cidadania passam pela educação e sua porta de entrada é a aprendizagem da leitura e da escrita”.

Há sobre isso, segundo a autora, duas contradições: apesar de saber que a universalização do ensino fundamental vem sendo construída, ainda há um contingente muito grande de crianças, dentro da própria escola, que ainda não sabem ler; mesmo a taxa de analfabetismo absoluto acima dos 15 anos ter sido reduzida, o número de analfabetos absolutos que passam pela escola, hoje, aumentou.

É preciso considerar a vivência do educando, seu contexto de origem e, a partir disso, dá significado ao aprendizado.

Trabalhar numa perspectiva de letramento é preparar o aluno para enfrentar, de maneira ética e cidadã, as mais diversas situações do cotidiano, nos mais diferentes contextos.

2.4. Letramento literário

Consoante Zilberman (2007), pode-se mesmo falar em letramento literário uma vez que a criança, desde muito pequena, é iniciada ao universo da fantasia, da ficção por meio da escuta de histórias: lidas em voz alta por outras pessoas, encenadas, contadas, assistidas (filmes, desenhos...).

Sobre isso diz a autora (p. 247):

o letramento literário efetiva-se quando acontece o relacionamento entre um objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meio de gêneros específicos – a narrativa e a poesia, entre outros – a que o ser humano tem acesso graças à audição e à leitura.

3. Ensino de leitura, de literatura e formação do leitor

3.1. O professor de língua materna

De acordo com Lajolo (2002, p.21-2), o professor de português do ensino fundamental I ao ensino médio precisa se conscientizar de que

deve dispor de uma noção ampla de linguagem [...], deve ser usuário competente da modalidade culta da língua [...], precisa dominar competentemente várias modalidades de linguagem [...], deve estar familiarizado com uma leitura bastante extensa de literatura, particularmente da brasileira, da portuguesa e da africana de expressão portuguesa [...], deve estar familiarizado com a história do ensino de língua portuguesa no Brasil, com a história da alfabetização, da leitura e da literatura na escola brasileira.

Se o professor deseja formar leitores, ele precisa também ser um leitor. Se deseja formar bons escritores, precisará também ser um bom escritor.

3.2. O texto literário na escola e a formação de leitores

É imprescindível que na escola se leia literatura. É seu papel formar leitores. De acordo com ZILBERMAN (1993, p 19), ler literatura é importante, porque

O ato de ler se configura como uma relação privilegiada com o real, já que engloba tanto um convívio com a linguagem, como exercício hermenêutico de interpretação dos significados ocultos que o texto enigmático suscita, a obra de ficção avulta como o modelo por excelência da leitura. Pois, sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada. Pelo contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche as lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor. Deste modo, à tarefa de deciframento se implanta outra: a do preenchimento, executada particularmente por cada leitor, imiscuindo suas vivências e imaginação.

Na escola, se erra quando se ler literatura por ler. Quando se ler apenas para responder a um questionário com respostas previamente estabelecidas pelas editoras. Quando se ler literatura para se fazer resumos ou para fazer prova. É preciso dar sentido ao que se ler na escola. É preciso ler o que se gosta, o que se deseja, a fim de encontrar respostas para as suas perguntas. Ler para crescer, para aprender sobre a vida, sobre as pessoas, as sociedades e sobre si mesmo. É ler para refletir, para se encontrar, para se pôr no lugar do outro. É ler para sensibilizar e para ser sensibilizado. É ler para rir, para chorar, para sentir raiva ou sentir alegria. É ler experimentar emoções, para resolver problemas. É ler para conhecer outros lugares, para sentir prazer. Para se inquietar e para encontrar a tranquilidade.

3.3. A leitura e suas estratégias

Segundo Solé (1998, p. 93-100), quando se lê, faz-se:

- Para obter uma informação precisa;
- Para seguir instruções;
- Para obter uma informação de caráter geral;
- Para aprender;
- Para revisar um escrito próprio;
- Por prazer;
- Para praticar a leitura em voz alta;
- Para verificar o que se aprendeu.

Ao serem elaboradas as atividades de leitura para os alunos, buscou-se criar situações em que eles pudessem atingir esses objetivos.



4. A teoria na prática

O objetivo geral do projeto realizado: despertar, nos alunos, o gosto pela leitura e pela escrita de textos, em especial, os literários, sensibilizando os alunos para que percebam o valor, a importância e a beleza da literatura.

Partindo do objetivo geral, foram escolhidos como alguns dos objetivos específicos: despertar, nos alunos, a consciência de que a leitura e a escrita são atividades importantes e valorizadas na sociedade em que se vive; despertar-lhes o desejo de ler, de ouvir e de escrever histórias; alfabetizar aqueles ainda não-alfabetizados e promover o letramento.

O projeto foi dividido em quatro etapas. Na primeira, foram recolhidas informações sobre todos os alunos e as suas famílias, sobre suas práticas de leitura e de escrita. Na segunda, foram feitas as análises dos dados recolhidos e foram confirmadas algumas hipóteses antes levantadas. Na terceira, foi feita a intervenção, propriamente dita. E na quarta, foram feitas as análises dos resultados apresentados pelos alunos.

4.1. TUDO COMEÇOU...

O primeiro passo para a realização deste projeto foi recolher informações acerca dos alunos e de suas famílias. Foram distribuídos questionários, os quais foram divididos em tipo A e tipo B. O tipo A continha respostas aos alunos. Já o tipo B, continha perguntas a serem respondidas pelos pais ou responsáveis.

As perguntas foram elaboradas a fim de confirmar ou não determinadas hipóteses. A que ficou, mais claramente, explicitada foi que as práticas de leitura e de escrita fora da escola (a importância e a necessidade que se tem de utilizá-las fora da sala de aula) refletem na forma como o aluno encara a leitura e a escrita na escola.

Apenas, 30% dos pais devolveu o questionário, por isso esses 30% serão considerados como 100%. Como resultado da pesquisa, foram obtidos os seguintes dados:

Sobre os pais:

- A idade dos entrevistados varia entre 32 e 44 anos;
- Desses, apenas, 10% é do sexo masculino e 90% é do sexo feminino;
- Em relação ao grau de escolaridade, o que predomina é o ensino fundamental II;
- 50% declarou ler todos os dias sendo essa leitura da Bíblia;
- Nenhum dos entrevistados declarou ler jornais ou revistas;
- Em relação à escrita, eles declararam escrever, somente, receitas, recados e listas;
- 90% declarou que não ler histórias para os filhos, apenas, conta (lendas que aprendeu na infância e histórias bíblicas);
- 100% declarou ter a leitura e a escrita como ações importantes, mas, somente, 30% justificou o porquê.

Já sobre os alunos:

- 70% entregou o questionário;
- A idade deles varia de 10 a 14 anos;

- 50% declarou ler todos os dias por causa da igreja;
- A leitura da Bíblia é o que predomina entre eles;
- Mais de 70% declarou não gostar de ler;
- Mais de 80% da turma é repetente, desses, 60% declarou ter sido retido mais de uma vez;
- Mais de 60% da turma é constituída de meninos.

Como se pode perceber, o fato de metade dos pais lerem apenas a Bíblia parece ter refletido nas respostas dos filhos que afirmaram realizar a mesma ação. Os alunos que disseram gostar de ler histórias são os mesmos que ouvem histórias em casa. Algo que chama atenção é o fato de 80% da turma ser repetente. Isso parece ter contribuído para a indisciplina e a falta de interesse desses alunos.

O questionário foi feito como forma de obter um diagnóstico mais aprofundado da turma e assim poder melhor intervir.

4.2. O caminho percorrido...

Após observar a turma, depois do questionário e da análise dos dados obtidos, foram iniciadas as atividades do projeto.

Os alunos tiveram acesso a diferentes gêneros discursivos: tirinha, poema, cordel, letra de música, carta, bilhete, conto de fadas, lenda, charge, anúncio publicitário, *cartum* entre outros.

As aulas, geralmente, estavam divididas da seguinte forma:

- As professoras contavam para os alunos o que eles iriam fazer naquela aula e o porquê deles realizarem determinadas tarefas;
- Fazia-se uma dinâmica, a fim de saber que conhecimentos os alunos já traziam sobre o assunto da aula;
- Era feita a leitura dos textos;
- Buscava-se descobrir quais eram as características daqueles textos;
- Os alunos junto com os colegas ou com as professoras interpretavam os textos;
- Era solicitado aos discentes que produzem textos. Isso era feito sempre com enunciados interessantes e contextualizados.

Os textos eram levados para casa pela professora, a fim de que ela pudesse analisá-los e trazidos, em outro momento, para que os alunos pudessem reescrevê-los.

Os trabalhos eram discutidos e realizados em grupo e/ou individualmente.

Para cada atividade realizada, para cada aula ministrada, era feito um planejamento detalhado, a fim de se saber aonde se queria chegar com determinada atividade. Sempre era feita uma avaliação sobre o que deu certo e o que não deu, a fim de que, em outro momento, determinada atividade pudesse ser mais eficaz.

Como recursos didáticos foram utilizados: jogos, filmes, imagens, cartolinas, coleções, embalagens de produtos, revistas, livros, fotocópias de textos, jornais entre outros.

Ao serem elaboradas as atividades de leitura a serem trabalhadas com os alunos, foram considerados os seguintes aspectos:

Antes da leitura:

- Motivar para a leitura;
- Ativar os conhecimentos prévios;
- Estabelecer previsões sobre o texto;
- Promover as perguntas dos alunos sobre o texto.

Durante a leitura:

- Tarefas de leitura compartilhada;
- Leitura independente;
- Erros e lacunas de compreensão (o que fazer?).

Depois da leitura:

- Promover perguntas que encaminhem uma discussão sobre o texto lido;
- Fazer refletir;
- Avaliação da leitura.

Uma das atividades que, segundo relatos dos próprios alunos, chamou mais sua atenção foi quando a professora de português levou para sala de aula músicas, as quais falavam de personagens do folclore brasileiro: Saci, Boi-Bumbá...

Nesse dia, a professora iniciou a aula perguntando se eles sabiam o que significava a palavra “folclore”. Era uma tempestade de idéias. Tudo o que eles achavam sobre o que seria “folclore” foi anotado no quadro.

Após esse momento, eles contaram lendas que conheciam, histórias que já ouviram. Muito se discutiu. Até que a professora explicou o que significava “folclore” e o que fazia parte dele.

Depois disso, eles receberam as letras das músicas que iriam ouvir fotocopiadas e puderam cantá-las muitas vezes. Após esse momento, os alunos foram convidados a contar uma lenda em seus cadernos. Eles também desenharam e pintaram os personagens por eles escolhidos.

Um gênero discursivo que pareceu bem interessante aos alunos foi o anúncio publicitário. Eles pesquisaram propagandas, foram discutidas as suas características. No final de toda a sequência didática, os alunos produziram “comerciais de TV” em sala de aula.

O trabalho com as tirinhas também foi bastante instigante. Eles puderam realizar tanto a leitura dos aspectos não-verbais quanto dos verbais. Foram realizadas diferentes atividades com tirinhas e HQs. As tirinhas utilizadas foram as da Mônica, do Cebolinha, do Cascão, de Chico Bento, de Mafalda e de Ziraldo.

Muitos conteúdos foram explorados durante esse projeto, entre eles: elementos e momentos da narrativa, elementos de coesão, coerência e incoerência, intertextualidade...

Os alunos também foram instigados a realizar pesquisas sempre com a orientação das professoras.

4.3. E NO FIM...

Todos os produtos das atividades realizadas foram recolhidos e entregues aos alunos ao término deste projeto. Muitos dos textos produzidos por eles foram bem interessantes. Houve uma leve melhoria no rendimento escolar na disciplina de Língua Portuguesa, assim como no quadro de indisciplina que havia e maior interesse pelos leitura de livros.



5. Teoria e prática juntas

No quinto ano do ensino fundamental, espera-se que os alunos, além de letrados estejam alfabetizados, ou seja, conhecedores do código lingüístico. No caso, especificamente, da turma em que se inseriu o projeto, a maioria dos alunos era repetente e, principalmente, pelo fato de não saber ler. Muitos não sabiam reconhecer nem mesmo o próprio nome ou as letras que os formavam.

Diante dessa realidade, eis o grande desafio: como ensinar leitura? Como alfabetizar letrando? Ou letrar alfabetizando? Lembrando que, além da dificuldade dos alunos em aprender os conteúdos, em aprender a ler, havia também o desestímulo, a descrença dos alunos neles mesmos e da indisciplina. O resultado de todos esses fatores era o caos na sala de aula. Não havia quase que um minuto de atenção por parte deles.

Decidiu-se trabalhar então a auto-estima daquelas crianças e daqueles adolescentes. Estabelecer com eles diálogos e reflexões. Além disso, foram trabalhados valores éticos, visando à cidadania. Para isso, antes do início das aulas eram feitas atividades de relaxamento e dinâmicas.

A escolha da utilização dos gêneros discursivos como os “carros-chefes” das aulas de língua materna foi uma decisão importante. Trabalhar com base nos gêneros, isso é o que sugerem os PCN.

A fim de se alfabetizar aqueles que ainda não estavam alfabetizados e contribuir para o avanço dos poucos que já estavam, procurou-se criar situações reais de práticas de linguagem.

Na formação dos grupos de trabalhos, foram considerados os níveis em que cada um dos alunos estava. Também foi considerado que cada um poderia contribuir para o aprendizado de todos.

Diversos foram os gêneros discursivos trabalhados em sala, no entanto os que receberam maior atenção foram os que pertencem à literatura dada a maior possibilidade de envolvimento com os leitores “iniciantes” e “iniciados”.

Um fator importante foi que, antes de se escolherem os textos a serem trabalhados em sala, havia uma leitura criteriosa deles, observando o que poderia ali ser explorado. Havia discussão, por parte das professoras, dos textos escolhidos.

Caso não gostassem do que estavam lendo, o texto não era levado para sala de aula. Isso, porque acreditam que para despertar, nos alunos, o amor pela leitura, elas mesmas precisavam sentir e demonstrar esse amor.

Gostar de ler é algo que se aprende, não é inato ao ser humano. A tarefa de ensinar a gostar de ler é algo parecido com conquistar alguém: é preciso que o professor queira e saiba cuidar, que ele se interesse, tenha vontade.

É muito importante que o professor conheça teorias literárias, de ensino de leitura e de escrita, que conheça métodos e metodologias. Mas, antes de tudo, ele precisa ser leitor, gostar de ler, conhecer literatura, deve fazer disso sua prática cotidiana.

Considerações finais

A partir da realização deste trabalho, pode-se constatar o quanto a leitura e a escrita podem ser atividades prazerosas e eficazes, desde que se considerem os conhecimentos e os interesses que os alunos já possuem.

Foi possível comprovar também o quanto o texto literário, canônico ou não, trabalhado desde o ensino fundamental, é importante para a formação do leitor. Considerando sempre que, quando se trata de escrita e reescrita, todas as etapas são importantes. E, nesse caso, o processo é bem mais essencial do que o produto.

Embora 10% dos alunos não tenham conseguido atingir os objetivos esperados, o trabalho



pode ser considerado bastante gratificante, apresentando resultados satisfatórios em relação aos objetivos propostos.

É interessante ressaltar a importância de se trabalhar a alfabetização numa perspectiva de letramento: ensinar a leitura e a escrita a partir de situações reais, contextualizadas.

Nesse contexto, pode-se e deve-se destacar a relevância em se utilizar, em sala de aula, o texto literário. Pois, ao fazê-lo, estar-se trabalhando a alma humana. Ouvindo e lendo histórias é possível vivenciar emoções importantes: é possível sentir raiva quando personagem com o qual se identifica sofre uma injustiça, é possível sentir tristeza quando alguém se sente triste e ficar alegre com a alegria dos outros. Observando a vida do outro (na literatura), suas experiências, seus medos, seus sonhos e suas expectativas, o leitor pode compará-las com as suas próprias emoções, seus próprios sentimentos. E é conhecendo como o personagem enfrenta essas dificuldades que o leitor poderá também enfrentar as suas.

A partir da leitura ou da escuta de histórias se podem descobrir e experienciar outros lugares, outros tempos, outras formas de agir e de pensar, outras éticas, outras formas de enxergar a realidade... A literatura permite ao seu leitor viajar para outro mundo, fazer parte dele e deixá-lo quando assim o desejar.

O texto literário desperta a sensibilidade de quem a ele se entrega, possibilitando a formulação de questionamentos, de incertezas, de reflexões, de construção, desconstrução e reconstrução da realidade.

A partir do trabalho realizado pode-se observar que a maioria dos alunos participava mais, se concentrava mais quando a leitura se tratava de literatura.

O trabalho realizado com a turma de 4º ano, durante os três meses, demonstrou o quanto se pode contribuir para a formação intelectual dos alunos quando se utilizam textos de literatura interessantes para eles.

A experiência foi muito prazerosa e significativa para ambas as partes. Os alunos se deleitavam ao ouvir as histórias, ao ler trechos delas, ao falar sobre elas.

Alguns dos alunos passaram a ir à biblioteca tomar livros por empréstimo, a fim de levá-los para casa para lê-los.

Foi interessante essa experiência, porque a leitura não ficou, apenas, circunscrita à sala de aula. Os alunos buscavam outros livros que falavam de outras histórias.

Foram elaboradas sequências didáticas, a fim de que os conteúdos fossem trabalhados, de maneira mais sistemática. E que se pudessem alcançar os objetivos. O trabalho sofreu algumas mudanças ao longo do percurso, dadas as dificuldades de alguns alunos e a dinâmica de tempo da escola.

É maravilhoso quando se consegue transmitir a beleza que o texto literário possui, quando se consegue despertar o prazer dessas leituras nos alunos. Tanto é que, até hoje, eles comentam essa experiência. E quando o fazem, os seus olhinhos brilham.

Foram percebidas melhorias no nível de leitura e de escrita dos alunos. Assim como no nível de argumentação deles. Novas idéias acerca da vida, de determinadas atitudes surgiram entre eles. A recepção dos textos por parte dos alunos foi bastante intensa.

O projeto realizado é uma experiência que deverá ser repetida, visto que seus objetivos foram atingidos e de forma bastante prazerosa.

Pretende-se ampliar as ideias deste projeto: um dos objetivos é, em 2011, elaborar e executar um projeto de leitura e de escrita, o qual deverá ser realizado desde o início do ano letivo.

Pretende-se que alunos, pais ou responsáveis, funcionários, professores, coordenadores e gestoras se envolvam nas atividades, a fim de que os objetivos sejam atingidos.

Referências



DUARTE, Natália. **O professor e o erro no processo de alfabetização.** *In: Teorias e Práticas de Letramento.* SCHOLZE, Lia; ROSING, Tania M. K. (orgs.) Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?** *In: Teorias e Práticas de Letramento.* SCHOLZE, Lia; ROSING, Tania M. K. (orgs.) Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** *Revista Brasileira de Educação, Jan-Abr, número 025,* Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo, Brasil, pp. 5-17, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura na escola.** *In: Leitura em crise na escola.* 11 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil e introdução à leitura.** *In: Teorias e Práticas de Letramento.* SCHOLZE, Lia; ROSING, Tania M. K. (orgs.) Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.